

Corações hipermodernos, câncer de mama e infarto em mulheres

Lena, após a cirurgia de câncer de mama, infartou. Ana perdeu um filho de 25 anos de idade e isso foi traumático. Fátima sofreu estresse emotivo e laboral e acabou também infartando. Sofia, quando criança, ajudava a mãe na roça e, em 2010, retirou parte da mama esquerda. Já Cristal precisou retirar totalmente a mama direita e ainda lembra quando o pai abandonou o lar, quando ela tinha quatro anos de idade. Marina sofreu um infarto devido ao estresse emocional quando soube da morte de seu marido e Vivian sofreu 18 eventos coronarianos, o que fragilizou seu coração e sua psique.

Essas sete personagens – os nomes são fictícios – fazem parte da pesquisa *Corações hipermodernos: um estudo qualitativo realizado com mulheres atendidas em serviços privados no Brasil sobre eventos de vida, traços de personalidade e os sentidos e significados atribuídos ao infarto do miocárdio e ao câncer de mama*, da psicóloga Suzana de Albuquerque Paiva.

A partir da vivência e de desenhos-histórias das pacientes, da mitologia grega e do conceito da hipermodernidade criado por pesquisadores franceses – sob o olhar da psicologia analítica –, Suzana relacionou o câncer de mama e o infarto à vida amorosa, familiar e profissional de cada uma dessas mulheres.

Segundo Suzana, a modernidade baseia-se nas ideias de progresso, razão e felicidade. Quando a felicidade dá lugar ao adoecimento, surge a noção de pós-modernidade. Atualmente, a sociedade hipermoderna vive uma relação com o tempo e com o imaginário dos indivíduos, num cenário de urgência e imediatismo.

“O indivíduo hipermoderno vive o excesso de si. As oportunidades e desafios colocam as pessoas em situações de limite, estresse e adoecimentos, entre eles a depressão, o infarto e o câncer de mama”, diz Suzana.

Ao analisar os efeitos da hipermodernidade na saúde, através dos relatos das pacientes atendidas nas áreas de mastologia e cardiologia do Centro de Terapia Intensiva e Unidade

Coronariana do Hospital Prontocor de Belo Horizonte, em Minas Gerais, a pesquisadora da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp identificou nos desenhos das pacientes imagens arquetípicas da criança; do herói e sua trajetória de vida e morte; da grande mãe e do amor.

“Com base no trabalho clínico, psicoterapêutico e de pesquisa no hospital, foi possível observar que, quando questionadas acerca dos papéis que vivenciam, as mulheres lembram principalmente dos seguintes aspectos: mãe, profissional, esposa, filha, amiga, amante do belo e religiosa. São, precisamente, os aspectos representados pelas sete principais deusas do Olimpo Grego: Perséfone, Atena, Afrodite, Deméter, Héstia, Hera e Ártemis. Ainda não surgiu uma paciente que apontasse para um novo papel, diferente desses que são apresentados”, diz Suzana.

De acordo com a pesquisa, durante as fases de cirurgias e tratamentos, aspectos da deusa Afrodite ficam esquecidos ou reprimidos. Principalmente para as pacientes que passaram pela cirurgia de mama, ou pela mastectomia. Mesmo com a reconstrução mamária, elas tendem a inibir os aspectos da sensualidade e da sexualidade por vergonha, por tristeza. “As que sofreram o infarto, geralmente, no período de recuperação, no pós-cirúrgico, temem se emocionar demasiadamente, entusiasmar muito, emocionalmente ou sexualmente, pois acreditam que o coração pode “não aguentar”, revela Suzana.

Retornando algumas personagens, Suzana revela, na pesquisa, que Lena, a paciente com câncer de mama e infarto traz em sua história de vida a busca pela realização profissional e o sucesso, a hiperfeição de si, e também vivencia o estresse e o hiperfuncionamento de si com bastante intensidade. “Meu tempo é estrangulado”, relata Lena. O motivo do infarto: ela acredita que foi o amor e “não expressar os sentimentos”.

Ana mostra a importância do amor e da amizade nas relações familiares, surgindo como base estruturante do seu ser, principalmente no momento de adoecimento. Muito valorizado o relacionamento e o apoio familiar, das filhas e do esposo. Afirma também a importância da fé, da religiosidade e da alegria com o seu trabalho de artesã. Traz também a vivência do luto, de difícil elaboração. O amor é o tema principal, ocupando lugar de destaque em suas colocações. Sente conforto na fé e na religiosidade.

Fátima traz temas ligados aos aspectos da sociedade hipermoderna com demandas de superação, hiperfeição e hiperfuncionamento de si. Busca realizações e o sucesso profissional. Depara-se com competições.


Vivencia preocupações intensas e ressentimentos com conflitos familiares. Associa o seu infarto à briga que teve com seu filho, dias antes. Traz também o luto. Considera-se bastante emotiva. “Essa tensão, essa intensidade que eu vivo as coisas. Tudo é intenso!”, revela.

“Por meio da análise das entrevistas das sete pacientes da pesquisa e dos símbolos presentes em seus desenhos, observaram-se modelos e demandas da sociedade hipermoderna por hiperformance e superação de si ligados ao adoecimento, quando em excesso. A ilusão do herói sobre força e imortalidade, consciente ou inconsciente, foi também observada. As vivências de morte, separações e perdas sem possibilidades imagináveis de elaboração revelaram-se como experiências das mais difíceis na vida das pacientes, causando estresse, fragilidade e, conseqüentemente, interferindo na habilidade de reação do sistema imunológico”, disse Suzana.

Porém, o pós-cirúrgico revelou-se um período de reflexões sobre a vida e a morte. A vida ressurge com intensidade, e o desejo de viver e aproveitar a vida ao máximo se faz presente. A morte passa a ser um símbolo de transformação. Ela guia, agora, as emoções e as ideias, os projetos e as mudanças que são necessárias neste momento e para o futuro. É quando o desejo pela imortalidade conduz para além dos limites humanos.

De acordo com a pesquisa, a ameaça da morte que se instalou na psique das pacientes, devido ao acometimento da doença, fez emergir conteúdos inconscientes complexos que auxiliaram na reestruturação psíquica e na busca de um maior equilíbrio emocional. As reflexões feitas produziram transformações importantes, através de um contato mais próximo com o si mesmo, com a doença e com a realidade. Todas as sete pacientes desta pesquisa

queriam melhorar, realizar seus sonhos de cura, saúde e felicidade.

“É importante que se desperte, na consciência do paciente, o seu poder de curar-se, tendo a cura como uma possibilidade. O infarto e o câncer de mama afetam as mulheres profundamente. Compreender os significados atribuídos às doenças, assim como as formas de lidar com elas e com a vida, contribui para o equilíbrio mental e a expansão da consciência. Isso permite uma maior adesão ao tratamento e às mudanças nos hábitos de vida prejudiciais à saúde. O acompanhamento psicoterapêutico no hospital sustenta e promove transformações pessoais, necessárias para que as pacientes possam suportar o adoecimento, buscar forças para sobreviver e alcançar experiências de vida mais significativas e saudáveis”, diz Suzana. 

Tese: Corações hipermodernos. Um estudo qualitativo realizado com mulheres atendidas em serviços privados no Brasil sobre eventos de vida, traços de personalidade e os sentidos e significados atribuídos ao infarto do miocárdio e ao câncer de mama.

Autora: Suzana de Albuquerque Paiva

Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio

Coorientadora: Prof. Dra. Carmen Sílvia Passos Lima
Tese de doutorado apresentada à pós-graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp na área de Ciências Biomédicas